

Um estudo sociofuncional dos parentéticos epistêmicos quase- asseverativos em variedades do português*

A sociofunctional study of quasi-assertive epistemic parentheticals
in Portuguese varieties

Un estudio sociofuncional de parentéticos epistémicos casi-aseverativos
en variedades del portugués

Cristina dos Santos Carvalho

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)
cristyncarvalho@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

Antonio Ralf da Cunha Carneiro

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)
ralfcarneiro.1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5499-9417>

Wesley da Silva Magalhães

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)
magalhaeswesley23@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0480-6629>

* Neste texto, apresentamos resultados parciais do projeto de pesquisa *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*. Tal projeto, executado na Universidade do Estado Bahia, é coordenado pela professora Cristina dos Santos Carvalho e tem, entre os membros da equipe executora, Antonio Ralf da Cunha Carneiro e Wesley da Silva Magalhães, que foram bolsistas de Iniciação Científica (FAPESB/CNPq) no período de 2018 a 2020.

* Sobre os autores ver página 131-132.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 19, n. 4	p. 109-132	dez. 2021
------------------------	----------------------	-------------	------------	-----------



Este artigo está licenciado com Creative Commons Attribution 4.0 International License.

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos, no português angolano e moçambicano, parentéticos epistêmicos quase-asseverativos de base clausal verbal, instanciados, no padrão construcional $[(SU)_{P1}V_{Epist} (Compl)]_{Parent}$, por microconstruções como *(eu) acho (que)*, *(eu) creio (que)*, *(eu) suponho (que)* etc. Para tanto, fundamentamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, dentre outros) e da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]), no que tem sido denominado de orientação sociofuncionalista. Sob essa perspectiva, procedemos à análise de ocorrências empíricas do português contemporâneo extraídas do banco de dados *Corpus do Português*. Nossa análise, baseada nos graus de esquematicidade das construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e em parâmetros formais e funcionais, mostra que, nas duas variedades do português, os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos estão correlacionados a distintos usos e níveis construcionais.

PALAVRAS-CHAVE: Parentéticos epistêmicos quase-asseverativos; Linguística funcional centrada no uso; Abordagem construcional; Sociofuncionalismo; Português angolano e moçambicano.

ABSTRACT

*In this paper, we describe quasi-assertive epistemic parentheticals originated from verbal clauses in Angolan and Mozambican Portuguese, instantiated, in the constructional pattern $[(SU)_{P1}V_{Epist} (Compl)]_{Parents}$, by microconstructions such as *eu acho (que)*, *eu creio (que)*, *eu suponho (que)* and others. Then, we adopt theoretical and methodological assumptions of Usage-based Functional Linguistics (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, among others) and Quantitative Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), in what has been called sociofunctionalist orientation. From this perspective, we proceeded to the analysis of empirical occurrences of contemporary Portuguese extracted from the *Corpus do Português* database. Our analysis, based on the degrees of schematicity of the constructions (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) and on formal and functional parameters, shows that, in the two varieties of Portuguese, quasi-assertive epistemic parentheticals are correlated to different uses and construction levels.*

KEYWORDS: *Quasi-assertive epistemic parentheticals; Usage-based functional linguistics; Constructional approach; Sociofunctionalism; Angolan and Mozambican Portuguese.*

RESUMEN

*En este trabajo, describimos, en el portugués angolano y mozambiqueño, parentéticos epistémicos casi-aseverativos de base clausal verbal, instanciados, en el modelo construcional $[(SU)_{P1}V_{Epist} (Compl)]_{Parents}$ por microconstrucciones como *(eu) acho (que)*, *(eu) creio (que)*, *(eu) suponho (que)* etc. Para eso, nos fundamentamos en presupuestos teórico-metodológicos de la Linguística Funcional Centrada en el Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, entre otros) y de la Sociolinguística Cuantitativa (LABOV, 2008 [1972]), en lo que ha sido denominado de orientación*

sociofuncionalista. Bajo esa perspectiva, procedemos al análisis de ocurrencias empíricas del portugués contemporáneo extraídas del banco de datos Corpus del Portugués. Nuestro análisis, basado en los grados de esquematicidad de las construcciones (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) y en parámetros formales y funcionales, muestra que, en las dos variedades del portugués, los parentéticos epistémicos casi-asseverativos se correlacionan con diferentes usos y niveles de construcción.

PALABRAS-CLAVE: Parentéticos epistémicos casi-asseverativos; Lingüística funcional centrada en el uso; Abordaje construccional; Sociofuncionalismo. Portugués angoleño y mozambiqueño.

1 Introdução

Em distintas situações comunicativas, na interlocução com o outro, agimos de diferentes maneiras: entre outras ações, marcamos pontos de vista, opiniões, crenças a partir da nossa visão de mundo, asseveramos ou atenuamos enunciados, demonstramos que temos conhecimento daquilo de que falamos ou que escrevemos, titubeamos em relação a algumas informações fornecidas. Entre as estruturas linguísticas que podemos mobilizar para cumprir esse papel (inter)subjetivo, estão as construções parentéticas epistêmicas, que podem funcionar, segundo Castilho e Castilho (1996), como estratégias de asseveração ou quase-asseveração.

Nas línguas humanas, tais construções, além de apresentarem um plano funcional, manifestam-se de diferentes formas, podendo ser de base adverbial (SILVA; BROXADO; DAMIANOVIC, 2017), adjetival (FORTILLI; GONÇALVES, 2013; GONÇALVES, 2015) ou verbal (FORTILLI, 2015; CARVALHO, 2017). Nesse último caso, os usuários das línguas lançam mão de verbos de cognição ou atividade mental – *achar, crer, supor, acreditar, pensar* etc. – empregados na primeira pessoa do singular, como apontam alguns estudos (THOMPSON; MULAC, 1991; GALVÃO, 1999; SCHNEIDER, 2007; YOON, 2015 etc.) sobre as expressões *I think, I guess, I suppose* (no inglês), *(yo) creo, (yo) pienso, (yo) supongo* (no espanhol), *(eu) acho, (eu) creio* (no português), *je crois* (no francês). A esse respeito, Fortilli (2015, p. 1069) afirma que os “parentéticos atuam como construções formulaicas, em que o verbo, [...], vai adquirindo como principal atributo a manifestação da atitude do falante e sua forma de lidar com a interação com o ouvinte”.

Neste trabalho, norteados por conceitos e pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), centramos nossa atenção nas construções parentéticas quase-asseverativas de base verbal do português, instanciadas no padrão $[(SU)_{P1}V_{Epist} (Comp)]_{Parent}$, por microconstruções como *(eu) creio (que), (eu) suponho (que)* etc. (1), (2). Sob essa perspectiva teórico-metodológica, assumimos a noção de construção como correspondência

convencional entre forma e função (GOLDBERG, 1995; 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e entendemos que construções como (1) e (2) exibem, além de uma dupla dimensão – formal e funcional – na sua configuração, distintos níveis de esquematicidade – esquemas, subesquemas e microconstruções e construtos – que, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), compõem uma hierarquia construcional. O nosso objetivo é, então, analisar, no português angolano e moçambicano, os usos das construções parentéticas quase-asseverativas com vistas à apreensão de propriedades formais e funcionais que podem ser relacionadas aos seus graus de esquematicidade.

(1) Estávamos em fins de 74, tempos muito complexos. Foi aí que Nito Alves eu nos tornámos adversários políticos. Em janeiro de 1975, **creio**, fez-se uma visita a a Primeira Região [...] (PA, <http://blogdangola.blogspot.com/2012/04/achegas-para-historia-de-angola-1.htm>)

(2) Temos também o caso recente de Magude, **suponho que** de janeiro de este ano, em que um colega estava a fazer transferência de doentes para a cidade de o Maputo em uma madrugada de nevoeiro [...]. (PM, <https://www.corpusdoportugues.org/webdial/x4.asp?t=973125&ID=190084144>)

Para a análise, procedemos ao exame de dados reais da língua portuguesa contemporânea do século XXI: utilizamos, então, textos do português angolano e moçambicano integrantes do banco de dados *Corpus* do Português. Ao optarmos pela análise de dados do português angolano e moçambicano, consideramos a importância de realizar uma abordagem contrastiva não só entre o português europeu e o português brasileiro, conforme defendido por Batoréo (2010), mas também entre variedades africanas dessa língua.

Do ponto de vista metodológico, mantemos um diálogo com os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Nessa direção, realizamos aqui uma pesquisa sociofuncionalista em consonância com as tendências atuais dessa abordagem, que, nas palavras de Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 57), “preocupam-se bastante em explicar como as construções linguísticas são criadas, expandidas e como competem em rede com outras construções”. Buscamos, assim, caracterizar as construções alvo de investigação com base na atuação de parâmetros formais (explicitude/implicitude do pronome *eu* e posição sintática) e funcionais (usos, gêneros textuais e verbo epistêmico recrutado).

Para contemplarmos as questões atinentes ao nosso objeto de estudo e ao enfoque teórico-metodológico adotado, inicialmente, discorreremos sobre alguns conceitos e fundamentos teóricos da LFCU no que diz respeito à

abordagem construcional da gramática. Depois, destacamos aspectos metodológicos da pesquisa em relação ao *corpus* e aos procedimentos utilizados durante a sistematização e análise dos dados. Em seguida, descrevemos os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos, ressaltando os seus contextos de uso, propriedades e níveis construcionais a partir de ocorrências empíricas do português angolano e moçambicano. Apresentamos ainda uma análise quantitativa dos dados levando em consideração os parâmetros formais e funcionais supracitados. E, por fim, expomos as considerações finais.

2 A LFCU: conceitos e pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) desponta como uma nova tendência, nos estudos de linguagem, resultante da articulação entre pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo linguístico norte-americano e da linguística cognitiva e, mais especificamente, da abordagem construcional da gramática. Além de LFCU, essa tendência de investigação linguística também tem sido designada de Linguística Cognitivo-funcional ou Linguística Centrada no Uso ou Modelos Baseados no Uso.

Em três das designações supracitadas, fica evidente a importância atribuída à palavra *uso*, que deve ser entendida como uso que os falantes fazem da língua em contextos reais de comunicação¹. Nessa direção, como explicam Kemmer e Barlow (2000, p. viii), “um modelo baseado no uso é aquele em que o sistema linguístico do falante se esteia fundamentalmente em eventos de uso: instanciações de produção e compreensão de linguagem pelo falante”². A esse respeito, Martelotta (2011, p. 56) afirma: “Os eventos de uso, [...], são cruciais para a continuidade da estruturação do sistema, já que não representam apenas o produto do sistema linguístico do falante, mas fornecem o input para os sistemas de outros falantes”.

Sendo assim, o falante vai adquirindo/partilhando conhecimento enquanto usa a sua língua, o que ocorre em toda e qualquer língua natural. Sob essa ótica, a LFCU assume, como um dos seus princípios básicos, que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013 etc.), o que implica considerar que há uma imbricação entre gramática e discurso. Parte-se, então, do entendimento de gramática como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua e é nesse sentido que a gramática

1 Ressaltamos, a partir de Görski e Tavares (2013, p. 88) que “a centralidade atribuída ao uso linguístico” está entre os pressupostos teórico-metodológicos comuns ao funcionalismo linguístico norte-americano/linguística baseada no uso e à sociolinguística variacionista que permitiram o diálogo entre esses modelos teóricos, em um enfoque sociofuncionalista.

² A usage-based model is one in which the speaker's linguistic system is fundamentally grounded on ‘usage events’: instances of speaker's producing and understanding language (KEMMER; BARLOW, 2000, p. viii).

pode ser afetada pelo uso linguístico (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016, dentre outros).

Podemos observar que, como reflexo dos pressupostos teóricos adotados, a LFCU considera, do ponto de vista metodológico, na análise de fenômenos linguísticos, a relevância de fatores sociocomunicativos (semânticos e discursivo-pragmáticos que se manifestam na língua em uso) e cognitivos (aspectos relacionados a processos de domínio geral, como categorização, analogia etc.) para explicação desses fenômenos. Ressaltamos que o pesquisador deve entender que, como pontua Martelotta (2011, p. 56), “esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural”. Ainda em relação a questões metodológicas, destacamos que, uma vez que, na LFCU, a análise dos dados linguísticos deve levar em conta o uso da língua em situações reais de comunicação, isso deixa entrever a necessidade de controlar o gênero textual como parâmetro de análise linguística, tal como fizemos nesta pesquisa sobre parentéticos epistêmicos quase-asseverativos (cf. seção 5 deste texto).

Em uma abordagem centrada no uso, a construção (lexical ou gramatical) é tomada como unidade básica da gramática. Desse modo, a língua é vista como uma rede de construções – pareamentos convencionais entre forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e função (propriedades semânticas e discursivo-funcionais) – interconectadas (GOLDBERG, 1995; 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A definição de construção enfatiza, pois, a correspondência entre as suas dimensões formal e funcional. Nessa perspectiva, a descrição de qualquer construção linguística deve partir da consideração dessas duas dimensões e, por conseguinte, de propriedades a elas atreladas e suas correspondências.

Uma das propriedades associadas à construção remete à noção de esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), tratada em termos de gradiência no que se refere a distinções hierárquicas que podem ser feitas em uma rede construcional. Nesse caso, postula-se que, em uma rede, as construções se relacionam em distintos níveis construcionais, a saber: esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos. Na visão de Traugott e Trousdale (2013, p. 13-14), esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais de construções – de conteúdo (lexicais) ou procedurais (gramaticais) – percebidas (inconscientemente) por usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional. Os subesquemas são grupos mais específicos de construções que envolvem algumas similaridades. As microconstruções equivalem a construções individuais. Os construtos são ocorrências empiricamente atestadas na fala e escrita, constituindo o *locus* de investigação do pesquisador: “para um modelo baseado em uso, os construtos

são o que os falantes/escritores produzem e o que os ouvintes/leitores processam” (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013, p. 16)³.

Na hierarquia construcional, os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis inferiores, por microconstruções, que são instanciadas em uso por construtos. Como exemplo, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) citam que “*may* [‘poder’] é uma microconstrução do subesquema modal; modal é um subesquema do esquema auxiliar”⁴. Na língua portuguesa, essa mesma correlação pode ser estabelecida para as microconstruções *dever* e *poder*. Na seção 4 deste trabalho, apresentamos, com base em Carvalho (2017), uma proposta de hierarquia construcional dos parentéticos quase-asseverativos do português.

Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a relação entre os níveis construcionais (sobretudo esquemas e subesquemas) pode mudar e isso decorre de dois tipos de mudança linguística que podem atingir as construções: (a) mudanças construcionais, que repercutem apenas em um dos planos da construção (forma ou função); (b) construcionalização, que afeta os dois planos (forma e função) e representa o desenvolvimento de um novo nó na rede e, por conseguinte, de uma nova construção na língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, 26). Como o processo de mudança linguística é gradual, uma construcionalização (gramatical ou lexical) é antecedida e seguida de mudanças construcionais. À esteira de Carvalho (2017), entendemos que os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos constituem casos de construcionalização gramatical a partir de construções complexas com sentenças matrizes que codificam incerteza e apresentam verbos cognitivos no contexto de primeira pessoa do singular. Na próxima seção, pontuamos os passos metodológicos seguidos na pesquisa para investigação das construções parentéticas epistêmicas.

3 Do corpus e dos procedimentos metodológicos

Nesta investigação, norteamos-nos por pressupostos metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e associamos, na análise dos dados, as abordagens qualitativa e quantitativa, tal como pontuado por Traugott e Trousdale (2013), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Lacerda (2016). Para o enfoque quantitativo, também nos servimos de pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]), no que concerne a algumas das etapas seguidas na pesquisa e, sobretudo, à consideração de grupos de fatores (funcionais e formais) para caracterização do objeto de estudo.

3 “[...], for a usage-based model, constructs are what speakers/writers produce and what hearers/readers” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16).

4 “[...] *may* is a microconstruction of the subschema modal; modal is a subschema of the schema auxiliary” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

Ao articularmos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano, na sua versão mais contemporânea (LFCU), empreendemos aqui, à esteira de Tavares (2013), Görski e Tavares (2013) e Cezario, Marques e Abraçado (2016), um estudo sociofuncionalista. Sob essa perspectiva, na análise dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos de base clausal verbal, assumimos, em consonância com Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 46), “[...] a necessidade de se verificar a frequência de ocorrências e a frequência dos tipos de estruturas em que uma forma está inserida”.

Partindo do princípio da LFCU de que a estrutura linguística emerge à medida que a língua é usada (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, entre outros) e do postulado sociofuncionalista de que as motivações de uso de formas linguísticas devem ser buscadas no próprio contexto de uso dessas formas (GÖRSKI; TAVARES, 2013; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016 etc.), analisamos dados da língua portuguesa em situações reais de comunicação, na esfera digital ou eletrônica. Examinamos, então, dados empíricos (construtos) das variedades angolana e moçambicana do português contemporâneo, extraídos de textos do século XXI pertencentes a variados gêneros textuais da *internet*. Tais textos compõem o banco de dados *Corpus* do Português (disponível em www.corpusdoportugues.org).

Criado por Davies e Ferreira (2006), o *Corpus* do Português contém uma base de dados com mais de um bilhão de palavras de páginas da web (*sites*, *bloggers*) de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique). Esse *corpus* permite que o usuário possa fazer uma análise do português, comparando distintas variedades geográficas, como o trabalho aqui realizado. Ainda possibilita investigar os processos de variação e/ou mudança linguísticas em diferentes gêneros textuais e séculos do português. Dentro da navegação do *site* que dá acesso ao *corpus*, utilizamos o tipo de busca (Web/Dialetos) para o levantamento dos dados.

Os procedimentos metodológicos que adotamos para sistematização e análise dos dados foram os seguintes: (a) levantamento e fichamento das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal; (b) identificação dos subesquemas e microconstruções dessas construções; (c) identificação dos usos (ou funções semântico-pragmáticas) das construções em estudo; (d) definição de grupos de fatores formais e funcionais para análise dos dados; (e) codificação dos dados com base nos grupos de fatores definidos; (f) análises qualitativa e quantitativa dos dados e interpretação dos resultados obtidos.

Com a análise qualitativa, buscamos identificar as propriedades atreladas aos eixos formal (fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcional (semânticas e discursivo-pragmáticas) dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos e seus níveis construcionais nas duas variedades estudadas do português contemporâneo. Para a análise quantitativa das ocorrências das

construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal, utilizamos o GoldVarb X, um programa computacional para análise estatística de dados linguísticos. Na codificação e análise dos dados, levamos em conta os grupos de fatores que também estão relacionados aos polos formal e funcional das construções investigadas: usos dessas construções, gêneros textuais em que ocorrem e verbo epistêmico recrutado na construção (funcionais); explicitude/implicitude do pronome *eu* e posição sintática da construção (formais). No programa, efetuamos, para cada variedade africana do português, uma rodada em função dos subesquemas das construções estudadas e consideramos apenas os resultados em frequências absolutas e percentuais. Ao procedermos a uma análise quali-quantitativa dos dados, partilhamos da posição de Lacerda (2016, p. 87), que defende, com base em Traugott e Trousdale (2013), que “a análise de natureza quantitativa, quando aliada à análise qualitativa, pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua”. Pretendemos, então, explicar, qualitativa e quantitativamente, conforme se verá nas próximas seções, quais são as motivações/tendências de uso dos parentéticos epistêmicos e de seus padrões estruturais no português angolano e moçambicano.

4 Construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas: usos, propriedades e níveis construcionais

Os parentéticos epistêmicos, como o próprio nome já sinaliza, têm a ver com a modalidade epistêmica ou “modo de uso da língua pelo qual se expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição” (HOFFNAGEL, 1997, p. 4). Nesse sentido, parentéticos ou modalizadores epistêmicos, conforme explicam Ávila e Cária (2017), representam o valor de crença, conhecimento, probabilidade e possibilidade da informação, servindo, nos termos de Venier (1991, p. 68 *apud* ÁVILA; CÁRIA, 2017, p.125), como “sinais para manifestar no ouvinte o grau de confiabilidade conferido pelo falante à proposição”⁵. Em suma, as construções parentéticas epistêmicas, quanto à função semântico-pragmática, assinalam para o ouvinte/leitor os níveis de conhecimento ou crença do falante/escritor sobre o que é dito e, nesse sentido, são empregadas, nos termos de Halliday e Hasan (1976), em um contexto de função interpessoal.

De acordo com Castilho e Castilho (1996), quanto ao grau de adesão do falante em relação à proposição, os parentéticos epistêmicos podem ser subdivididos em asseverativos e quase-asseverativos. No primeiro caso, enfatiza-se o conteúdo proposicional, o que indica um alto grau de adesão do falante no que concerne a esse conteúdo. No segundo caso, inversamente,

5 “[...] segnali di manifestare all'ascoltatore il *grado di attendibilità assegnato dal parlante* alla proposizione [...]” (VENIER, 1991, p. 68 *apud* ÁVILA; CÁRIA, 2017, p.125).

atenua-se o conteúdo proposicional, o que evidencia um baixo grau de adesão do falante (CASTILHO; CASTILHO, 1996, p. 222). Nesse aspecto, construções desse tipo “cumprem bem esse papel [resguardar, relativizando o peso de suas declarações], pois alertam a intenção do outro de não ser categórico, mas flexível quanto à certeza acerca do que pronuncia (FORTILLI, 2015, p. 1072)”.

Há diversas formas de expressão, nas línguas humanas, dos parentéticos epistêmicos (tanto asseverativos como quase-asseverativos), que podem ter base verbal, adjetival, adverbial etc. O foco desta pesquisa são as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal do português, instanciadas, no contexto de primeira pessoa do singular, por microconstruções como *(eu) acho (que)*, *(eu) julgo (que)*, *(eu) suponho (que)* etc. Conforme argumentado em Carvalho (2017), esse fenômeno ilustra um caso de mudança, via construcionalização gramatical, na língua portuguesa e em suas distintas variedades. Como já mencionamos, neste trabalho, nos debruçamos sobre duas das variedades africanas do português: a angolana e a moçambicana.

Nos dados dessas variedades levantados para a realização da pesquisa, registramos usos das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas com valores de incerteza (3), (4) e atenuação (5), (6) de alguma informação veiculada anteriormente.

(3) Ola, saúdo por as lindas fotos de esta bela localidade, onde eu vivi, gostaria de ver algumas fotos de um restaurante que ai avia, pos os meus pais tiveram esplurando, não tenho bem a sertesa mas **julgo que** por 1978, um bem aja, e que deus o proteja (PA, <http://afosoloureiro.net/blog/?p=522>).

(4) Bom, penso que esta claro que ele nao e jovem, nao sei ao certo a idade mas **penso que** acima de 45 anos! [...] eu nao tenho problemas primeiro que ele esteja a frente do Parlamento juvenil e da forma [...]. (PM, <https://ambicanos.blogspot.com/2013/07/quantos-anos-deve-ter-o-salomao.html>).

(5) A identidade nacional é como a mãe de cada povo, que poderá não ser perfeita mas não se admite que outros digam mal de ela. Filhos de outras mães poderão apontar defeitos e virtudes a a nossa, ocasião em que lhe reconheceremos todas as virtudes, mesmo as que desconhecíamos, mas refutaremos até os defeitos mais evidentes. Faz parte de a natureza humana, **suponho**. (PA, <http://afosoloureiro.net/blog/?p=4112>).

(6) [...] O Presidente é obrigado a gerir as expectativas de milhares de moçambicanos entre os que o elegeram e apoiam e entre os que não votaram nele e não concordam com as suas posições. Ele é Presidente de todos (**acredito**). (PM, http://ideiassubversivas.blogspot.com/2013_02_03_archive.html).

Observamos que, em (3), o uso de **julgo que** sinaliza a incerteza sobre o ano em que os pais exploravam um restaurante na Baía de Luanda. Já em (4), ao usar **penso que**, o falante não possui certeza em relação à idade do homem que está a falar no parlamento. Nesse contexto de uso, os parentéticos epistêmicos, geralmente, acentuam uma imprecisão de informações que têm a ver com idade (4), tempo (3), lugar, nomes e quantidade, resguardando o falante/escritor sobre as informações fornecidas. Ademais, nem sempre o parentético ocorre isoladamente, podendo haver, no contexto linguístico, outras expressões que reforcem o valor de incerteza. É o que verificamos, em (3), com a ocorrência de *não tenho bem a certeza* antes de **julgo que** e, em (4), com o emprego de *não sei ao certo* antes de **penso que**. A esse respeito, Hoffnagel (1997, p. 6) ressalta que, quando um parentético “mostra mais claramente dúvida ou incerteza, é frequentemente acompanhado por indicadores de hesitação, tanto os não-lexicalizados tais como pausas, alongamentos, quanto os lexicalizados em expressões como *sei lá* ou *mais ou menos*”.

Em (5), **suponho** assinala a atenuação do que foi dito anteriormente, mais especificamente de a identidade nacional fazer parte da natureza humana. No exemplo (6), ao usar **acredito**, o falante atenua a afirmação feita de que o presidente de Moçambique governa para todos os moçambicanos independente de ter recebido ou não voto ou apoio político, sendo, portanto, o presidente de todos. Quanto ao emprego de modalizadores como atenuadores, Coates (1987 *apud* Hoffnagel, 1997, p. 12) destaca que se trata de uma estratégia para “reduzir a força dos enunciados e assim proteger as faces de ambos, falante e destinatário, quando o tópico é sensível. Quando os tópicos enfocam assuntos polêmicos, [...], há uma tendência de usar mais modalizadores”. Essa estratégia fica bem evidente nos exemplos (5) e (6), que fazem alusão a assuntos que podem gerar polêmica como identidade nacional em Angola e presidente da República de Moçambique, respectivamente.

Em uma visão construcional da gramática, como exposto na seção 2 deste trabalho, toda e qualquer construção exibe propriedades funcionais (semânticas e discursivo-pragmáticas) e formais (fonológicas, morfológicas e sintáticas), as quais se imbricam. Sendo assim, além dos usos supracitados (dimensão funcional), as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas possuem uma configuração formal. Para a caracterização das propriedades dessas construções e de suas imbricações, nos valem aqui dos estudos de Carvalho e Braga (2020) e Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020), respectivamente, para as variedades brasileira e europeia do português e para as duas variedades africanas aqui examinadas.

No plano funcional, do ponto de vista discursivo-pragmático, os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos cumprem o papel de reduzir a reponsabilidade do falante/escritor, operando como marcas de hesitação (ou incerteza) (3), (4) ou atenuação (5), (6) da informação. Em suma, sinalizam

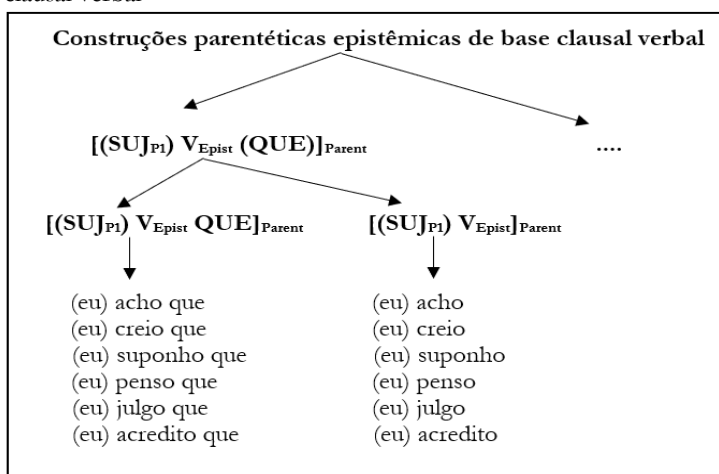
alguma atitude do falante/escritor em relação ao que é dito. Semanticamente, ocorrem com um verbo epistêmico ou cognitivo como *julgar* (3), *pensar* (4), *supor* (5), *acreditar* (6), entre outros. Destacamos ainda, com base em Palacas (1989 *apud* BRINTON, 2008, p. 8), que, do ponto de vista semântico, os parentéticos são independentes, não fornecendo a informação principal, mas uma de segunda ordem, um comentário ou avaliação sobre o que foi dito.

No plano formal, as construções parentéticas epistêmicas exibem, como característica fonológica, um traço prosódico: são antecedidas ou seguidas de pausas enquanto a informação é dada. Na escrita, essas pausas são representadas por sinais de pontuação como, por exemplo, vírgulas e parênteses, como mostram os excertos em (5) e (6), respectivamente. Morfológicamente, apresentam um verbo (como já mencionamos, cognitivo) na primeira pessoa do singular (com o pronome *eu* explícito ou implícito), no presente do indicativo; tal verbo pode ocorrer com ou sem o complementizador *que*, como exemplificam, respectivamente, **penso que** (4) e **suponho** (5). Tais características estão presentes na representação formal – [(SU)_{P1}] V_{Epist} (QUE)]_{Parent} – das construções parentéticas, tal como proposto por Carvalho (2017). Sintaticamente, essas construções caracterizam-se pela mobilidade posicional: a sua posição, na sentença, pode ser intercalada (3), (4) ou final (5), (6). A posição sintática da construção tem uma repercussão no escopo sintático, cujo alvo pode ser um constituinte (3), (4) ou toda a oração (5), (6).

As imbricações entre as propriedades podem ser vistas, por exemplo, da seguinte maneira: as pausas (propriedade fonológica) indicam que há uma hesitação (propriedade discursivo-pragmática) em relação ao que é dito; a posição da construção na sentença (propriedade sintática) tem não só uma implicação sintática, mas também semântica e discursivo-pragmática no que diz respeito ao alvo da atenuação.

As construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base verbal também podem ser representadas em uma rede com diferentes níveis – esquemas, subesquemas e microconstruções – de hierarquia construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como podemos ver, a partir de Carvalho (2017), na figura 1. Essa rede evidencia que as construções objeto de estudo vinculam-se a dois subesquemas – [(SU)_{P1}] V_{Epist} (QUE)]_{Parent} e [(SU)_{P1}] V_{Epist}]_{Parent} – cuja distinção é marcada pela presença/ausência do complementizador *que*. Os dois subesquemas estão atrelados a microconstruções com diferentes verbos epistêmicos (*achar, crer, supor, pensar, julgar* etc.). O primeiro subesquema se instancia em microconstruções como (*eu*) *acho que*, (*eu*) *penso que* etc. e o segundo subesquema, em microconstruções como (*eu*) *acho*, (*eu*) *penso* etc. Essas microconstruções se concretizam no uso da língua como construtos, conforme ilustram as ocorrências empíricas em (3), (4), (5) e (6).

Figura 1. Hierarquia construcional de construções epistêmicas de base clausal verbal



Fonte: Adaptado de Carvalho (2017, p. 33).

Nos construtos do português angolano e moçambicano, percebemos a ocorrência dos dois subsquemas construcionais de parentéticos epistêmicos quase-asseverativos com distintas microconstruções. (7) e (8) exemplificam o subsquema $[(SU)P1 V_{Epist} QUE]_{Parent}$ com as microconstruções **penso que** e **eu acredito que** e (9) e (10), o subsquema $[(SU)P1 V_{Epist}]_{Parent}$ com as microconstruções **julgo** e **creio**.

(7) Conheci o Mfuca **penso que** em os anos 2003/4 em a qualidade de lider associatvo,. [...]. (PA, <http://centralangola7311.net/2013/08/02/tracos-do-percurso-de-nfuka-e-o-anunciadoseulinchamento-politico-parte-i/>)

(8) É evidente que sempre houve contra e a favor. Quando os países são grandes, como a Rússia, Brasil, Índia e China, são mercados que **eu acredito que** tem mais de 100 milhões de habitantes, ou seja, há mercado interno para crescer. [...] (PM, <http://www.opais.co.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/13687-um-continente-de-extremos.html>).

(9) A os que lêm e / ou acompanham este (re)pitó fórum, há alguém que tenha fotos de as casas justamente em frente de a resid. de a administração, ou seja, em a esquina de o outro lado de o topo de o jardim -- que ainda conserva as pérgolas! --, e que foi alindado c/ uma escultura precisamente nesse topo, **julgo**. (PA, <http://www.kalulo.com/index.php?option=crsmonials&page=2&Itemid=63>)

(10) [...] É uma omissão pura e grave. Não parecete em nada aquele rapaz lúcido, que **creio**, aos seus catorze ou quinze anos, em 1982, despertaste-nos da utopia socialista que nos

impuseram. (PM, <http://comunidademocambicana.blogspot.com/2013/07/desgucuzan-do-o-historiador-mablinga-da.html>).

Os subesquemas construcionais supracitados podem ser caracterizados em relação a aspectos funcionais e formais. Discutiremos, na próxima seção, essas características em um enfoque quantitativo.

5 Parentéticos epistêmicos quase-asseverativos e parâmetros funcionais e formais: resultados quantitativos

Nesta seção, apresentamos os resultados da investigação empreendida sob um viés quantitativo. Amparados na noção de construção como pareamento convencional entre forma e função, consideramos, para a descrição dos parentéticos epistêmicos, as seguintes propriedades: usos das construções, gêneros textuais em que ocorrem, verbo epistêmico recrutado (funcionais), explicitude/implicitude do pronome *eu* e posição sintática (formais). Nesse caso, estabelecemos uma relação entre tais propriedades e os subesquemas das construções em análise.

No *corpus*, encontramos um total de 109 construtos de parentéticos epistêmicos quase-asseverativos. Em relação às duas variedades do português, há uma distribuição assimétrica desses construtos, sendo que o português moçambicano ($74/109 = 67,9\%$) apresenta mais do dobro de ocorrências do português angolano ($35/109 = 32,1\%$).

Nos 109 construtos examinados, as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas ocorrem com os subesquemas $[(SU)_{P1}] V_{Epist} QUE]_{Parent}$ ($47/109 = 43,1\%$) e $[(SU)_{P1}] V_{Epist}]_{Parent}$ ($62/109 = 56,9\%$) (doravante subesquema 1 e subesquema 2, respectivamente). Os dados analisados evidenciam que há mais ocorrências do subesquema 2 na amostra de modo geral ($62/109 = 56,9\%$) e na variedade angolana ($24/35 = 68,6\%$). Podemos considerar que a variedade moçambicana também segue ligeiramente essa tendência ($38/74 = 51,4\%$). O maior registro do subesquema 2, como ilustrado anteriormente em (9), (10), pode estar atrelado à sua característica de ter uma maior liberdade sintática na sentença, como demonstraremos, posteriormente, na discussão sobre posição sintática.

Quanto aos usos, essas construções, nos seus dois subesquemas, indicam incerteza ou atenuação nas duas variedades do português em estudo. Usuários do português angolano e moçambicano, quando querem atenuar um enunciado, optam pelo subesquema 2 ($10/11 = 90,9\%$ e $15/21 = 71,4\%$, respectivamente). Todavia, há um comportamento distinto, quando esses usuários sinalizam incerteza de alguma informação: os angolanos usam mais o subesquema 2 ($14/24 = 58,3\%$) e os moçambicanos, o subesquema 1 ($30/53 = 56,6\%$), conforme exemplificado, na introdução deste texto, em (1) e (2), respectivamente. Em outras palavras, quanto aos empregos dos dois subesquemas construcionais dos parentéticos epistêmicos quase-

asseverativos, angolanos e moçambicanos se aproximam quanto à atenuação dos fatos e divergem quanto à marcação de incerteza.

No que concerne aos gêneros textuais, ao considerarmos, na pesquisa, esse parâmetro funcional, pretendemos verificar em que gêneros ocorre mais o uso de parentéticos epistêmicos quase-asseverativos nas duas variedades do português investigadas. Partimos aqui do entendimento de gêneros textuais como unidades sociocomunicativas que apresentam propriedades funcionais, estruturais e linguísticas (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Nesse sentido, buscamos identificar de que gêneros textuais os parentéticos constituem marcas linguísticas. Na amostra, registramos, conforme ilustra a tabela 1, os seguintes gêneros textuais: reportagem, notícia, entrevista, artigo de opinião, biografia, comentário, depoimento, relato de viagem e receita culinária.

Tabela 1. Distribuição dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos quanto aos gêneros textuais no português angolano e moçambicano

Gênero Textual	Variedades do português											
	ANGOLANA			MOÇAMBICANA								
	Sub1		Sub2	Total		Sub1		Sub2	Total			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Reportagem	0	0	5	100	5	14,3	1	25	3	75	4	5,4
Notícia	1	50	1	50	2	5,7	1	25	3	75	4	5,4
Entrevista	2	40	3	60	5	14,3	5	50	5	50	10	13,5
Comentário	7	50	7	50	14	40	19	57,6	14	42,4	33	44,6
Depoimento	0	0	7	100	7	20	8	44,4	10	55,6	18	24,3
Biografia	1	50	1	50	2	5,7	0	0	0	0	0	0
Artigo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	100	1	1,4
Relato de viagem	0	0	0	0	0	0	1	3,3	2	66,7	3	4,1
Receita culinária	0	0	0	0	0	0	1	100	0	0	1	1,4
Total	11	31,4	24	68,6	35	100	36	48,6	38	51,4	74	100

Fonte: Elaboração própria.

Comparando as informações da tabela 1, constatamos que, sem levarmos em conta o tipo de subesquema, quanto aos gêneros textuais, os construtos de parentéticos epistêmicos, no português angolano e moçambicano, se concentram, em primeiro lugar, nos comentários (40% e 44,6%, respectivamente) e, em segundo lugar, nos depoimentos pessoais (20% e 24,3%, respectivamente) postados na *internet*. Tal resultado não nos causa estranheza uma vez que tais gêneros textuais suscitam a expressão de pontos de vista, tomadas de posição do falante/escritor, o que, muitas vezes, vem acompanhado de (des)conhecimento, (in)certeza e atenuação das informações apresentadas nos comentários e depoimentos.

Quanto aos subesquemas construcionais, a despeito do baixo número de ocorrências em alguns gêneros textuais listados na tabela 1, notamos que há: (i) uma distribuição equilibrada entre os dois subesquemas nos gêneros comentário, notícia, biografia (no português angolano) e entrevista (no

português moçambicano); (ii) usos categóricos do subesquema 1 em receitas culinárias (no português moçambicano) e do subesquema 2 em depoimentos e reportagens (no português angolano); (iii) um maior registro do subesquema 1 em comentários (no português moçambicano); (iv) mais empregos do subesquema 2 em entrevistas (no português angolano) e em reportagens, notícias, relatos de viagem e depoimentos (no português moçambicano).

Na rede construcional dos parentéticos quase-asseverativos, os subesquemas licenciam variadas microconstruções que se atualizam a partir de distintos verbos epistêmicos. Nas tabelas 2 e 3, exibimos a distribuição desses verbos na amostra.

Tabela 2. Distribuição dos parentéticos quase-asseverativos quanto aos verbos epistêmicos no português angolano

Verbos epistêmicos	Subesquema 1 [(SU) _{PI}]V _{Epist} QUE]Parent			Subesquema 2 [(SU) _{PI}] V _{Epist}]Parent			Total	
	Microconstrução	Nº	%	Microconstrução	Nº	%	Nº	%
Achar	(eu) acho que ⁶	4	66,7	eu acho	2	33,3	6	17,1
Crer	creio que	2	16,7	creio	10	83,3	12	34,3
Supor	eu suponho que	1	20	suponho	4	80	5	14,3
Pensar	penso que	2	50	penso	2	50	4	11,4
Julgar	julgo que	2	40	julgo	3	60	5	14,3
Acreditar		0	0	acredito	3	100	3	8,6
Total		11	31,4		24	68,6	35	100

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3. Distribuição dos parentéticos quase-asseverativos quanto aos verbos epistêmicos no português moçambicano

Verbos epistêmicos	Subesquema 1 [(SU) _{PI}]V _{Epist} QUE]Parent			Subesquema 2 [(SU) _{PI}] V _{Epist}]Parent			Total	
	Microconstrução	Nº	%	Microconstrução	Nº	%	Nº	%
Achar	acho que	10	55,6	(eu) acho	8	44,4	18	24,3
Crer	(eu) creio que	9	52,9	creio	8	47,1	17	23
Supor	(eu) suponho que	4	30,8	suponho	9	69,2	13	17,6
Pensar	penso que	7	58,3	penso	5	41,7	12	16,2
Julgar	julgo que	3	50	julgo	3	50	6	8,1
Acreditar	(eu) acredito que	3	37,5	acredito	5	62,5	8	10,8
Total		36	48,6		38	51,4	74	100

Fonte: Elaboração própria.

Os dados expostos nas tabelas 2 e 3 permitem evidenciar que, nas variedades angolana e moçambicana, os verbos epistêmicos recrutados para as instanciações das microconstruções são os mesmos: *achar*, *crer*, *supor*, *pensar*, *julgar* e *acreditar*. Pesquisas com dados empíricos do português brasileiro, tais

6 Os parênteses indicam que os resultados apresentados referem-se aos casos de microconstruções com *eu* explícito (*eu acho que*) e implícito (*acho*). Essa observação é válida para as demais microconstruções que aparecem com parênteses nas tabelas 2 e 3.

como as de Hoffnagel (1997) e Ávila e Cária (2017) (que apresentam um interstício temporal de vinte anos), mencionam alguns desses verbos como os que ocorrem como modalizadores epistêmicos.

Entre os verbos epistêmicos atestados no *corpus*, os dois mais empregados, nas duas variedades, são *achar* e *crer*, havendo uma inversão no que diz respeito à distribuição: nos construtos do português angolano, há mais uso de *crer* (34,3%) do que *achar* (17,1%); nos construtos do português moçambicano, há mais ocorrências de *achar* (24,3%) do que *crer* (23%) apesar de a diferença percentual ser de apenas 1,3%. Os excertos, em (11) e (12), exemplificam usos de parentéticos epistêmicos com os verbos *crer* e *achar*, respectivamente, nas variedades angolana e moçambicana.

(11) Existem em Luanda, **creio**, seis restaurantes chineses, dois ou três indianos e um, particularmente original, suco-vietnamita. Devem ser os únicos onde não se come bacalhau. [...] (PA, http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/angola/page/16/)

(12) [...] vamos ver o que acontece. aqui o teatro é pequeno por isto pensei em 2 seções cabe **acho que** 50 a 100 pessoas **acho** e qntos mais brinquedos melhores neh? (PM, <https://www.corpusdoportugues.org/webdial/x4.asp?t=968688&ID=483595364>)

No que concerne à produtividade de *achar* como parentético epistêmico, os resultados aqui encontrados se coadunam com os de outros trabalhos sobre a variedade brasileira como, por exemplo, os mencionados anteriormente (HOFFNAGEL, 1997; ÁVILA; CÁRIA (2017) e os de Galvão (1999) e Freitag (2003, 2004). Nos dados do português moçambicano, a co-ocorrência, em uma mesma sentença, de microconstruções com *achar* – *acho que* e *acho* – licenciadas por distintos subesquemas pode servir de ilustração dessa produtividade, como mostra (12).

Correlacionando os dois verbos epistêmicos mais registrados na amostra e os subesquemas construcionais, verificamos que: (i) nos dados do português angolano, microconstruções com *crer* ocorrem mais no subesquema 2 (83,3%) e microconstruções com *achar*, no subesquema 1 (66,7%); (ii) nas ocorrências do português moçambicano, documentam-se mais microconstruções com esses dois verbos no subesquema 1: *achar* (55,6%) e *crer* (52,9%).

Com um menor número de ocorrências, evidenciam-se outros verbos epistêmicos nas construções parentéticas. No português angolano, *supor* e *julgar* (ambos com 5 ocorrências) são mais empregados em microconstruções licenciadas pelo subesquema 2 ($4/5 = 80\%$ e $3/5 = 60\%$, respectivamente). No português moçambicano, *supor* (com 13 ocorrências) e *pensar* (com 12 ocorrências) são mais usados em microconstruções instanciadas no

subesquema 2 ($9/13 = 69,2\%$) e no subesquema 1 ($7/12 = 58,3\%$), respectivamente.

Na rede dos parentéticos epistêmicos, as microconstruções, além de serem instanciadas com diferentes verbos epistêmicos, podem ocorrer com o pronome *eu* explícito ou implícito nos dois subesquemas construcionais. No que concerne a esse parâmetro, há uma mesma tendência nas variedades angolana e moçambicana: o subesquema 1 – $[(SU)_{P1}]V_{Epist}QUE]_{Parent}$ – tende a ocorrer mais com microconstruções com o *eu* explícito ($3/5 = 60\%$ e $4/7 = 57,1\%$, respectivamente); inversamente, o subesquema 2 – $[(SU)_{P1}]V_{Epist}]_{Parent}$ – tende a licenciar mais microconstruções com o *eu* implícito ($22/30 = 73,3\%$ e $35/67 = 52,2\%$, respectivamente), ainda que a diferença percentual seja de 4,4% a favor desse subesquema no português moçambicano. Nesse caso, do ponto de vista formal, parece estar havendo, no subesquema 2, uma mudança construcional em direção à redução/compactação da construção, como ilustram **creio** (11) e **acho** (12).

A posição sintática tem sido considerada um fator sintático importante para se fazer a distinção entre sentenças matrizes com verbos cognitivos e parentéticos epistêmicos, que constituem uma nova instanciação de uso dessas sentenças. Sendo assim, a mobilidade posicional tem sido uma característica atribuída aos parentéticos epistêmicos: “Na posição não inicial, formas como *I think* [‘eu acho’] ou *you know* [‘você sabe’] são inequivocamente parentéticas [...]. Na posição inicial, o *status* de tais formas é sintaticamente indeterminado entre as cláusulas matrizes (com *that* apagado) e as verdadeiras parentéticas” (BRINTON, 2008, p. 12)⁷. A mesma observação é feita por Freitag (2004, p. 86) para os parentéticos *acho (que)* e *parece (que)* no português: “O estatuto de parentético epistêmico é mais evidente quando as construções aparecem depois de uma oração principal ou dentro da oração. Na posição inicial, o seu estatuto pode ser ambíguo: pode ser considerado performativo ou parentético epistêmico”.

Esse parâmetro formal também é relevante para a distinção entre os subesquemas 1 e 2. Na amostra, os parentéticos ocorrem nas posições intercalada e final. Quanto à correlação entre posição sintática e subesquemas, encontramos os seguintes resultados: no português angolano e moçambicano, na posição final, há um uso categórico do subesquema 2, tal como já foi atestado para as variedades brasileira e europeia do português por Carvalho (2017) e Carvalho e Braga (2020). Nesse caso, a presença do complementizador *que*, no subesquema 1, não permite a sua ocorrência na posição final. No que diz respeito à posição intercalada, podemos dizer que os dados das variedades angolana e moçambicana estão em distribuição

7 In non-initial position, forms such as *I think* or *you know* are unambiguously parenthetical [...]. In initial position, the status of such forms is syntactically indeterminate between matrix clauses (with *that* deleted) and true parentheticals (BRINTON, 2008, p. 12).

complementar: na primeira, ocorre mais o subesquema 2 ($16/27 = 59,3\%$) e, na segunda, o subesquema 1 ($36/61 = 59\%$).

6 Considerações finais

Neste texto, articulando pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Sociolinguística Variacionista, apresentamos uma descrição construcional dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos no português angolano e moçambicano. Realizamos essa descrição em viés qualitativo e quantitativo.

Qualitativamente, mostramos, a partir de dados empíricos, que, nas duas variedades examinadas, os parentéticos epistêmicos são empregados para expressarem incerteza ou atenuação das informações. Sob um enfoque construcional, caracterizamos esses parentéticos como uma construção com base em propriedades formais (fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semânticas e discursivo-pragmáticas). Atestamos ainda que tais parentéticos admitem uma distribuição em rede de acordo com os níveis de hierarquia construcional ou esquematicidade postulados por Traugott e Trousdale (2013). Sendo assim, mencionamos os subesquemas – $[(SU)_{P1}] V_{Epist} Compl]_{Parent}$ e $[(SU)_{P1}] V_{Epist}]_{Parent}$ – e microconstruções licenciadas por esses subesquemas (*eu acho que* e *acho*, por exemplo).

Na análise quantitativa desenvolvida, estabelecemos uma correlação entre os níveis de esquematicidade das construções parentéticas e alguns parâmetros funcionais (os usos das construções, os gêneros textuais em que elas ocorrem e verbo epistêmico recrutado) e formais (explicitude/implicitude do pronome *eu* e posição sintática). Os resultados obtidos revelaram que os parâmetros considerados são importantes para a caracterização dos subesquemas construcionais dos parentéticos epistêmicos nas duas variedades do português analisadas.

Tal análise demonstrou que, do ponto de vista funcional, os dois subesquemas construcionais apresentam usos como marcadores de incerteza e atenuação: nas duas variedades, o subesquema 2 é o eleito para a expressão da atenuação; no entanto, para a marcação da incerteza, há uma tendência de o português moçambicano empregar mais o subesquema 1 e de o português angolano usar mais o subesquema 2. Quanto aos gêneros textuais, os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos são mais utilizados em situações comunicativas em que há a postagem de comentários e depoimentos pessoais na *internet*. Quanto ao verbo epistêmico, nas duas variedades do português estudadas, as microconstruções se atualizam mais com *achar* e *crer*, havendo uma distribuição complementar: registram-se mais ocorrências de *crer* no português angolano e de *achar* no português moçambicano. Relacionando esses verbos aos subesquemas construcionais, nos dados do português moçambicano, microconstruções com *crer* e *achar* ocorrem no subesquema 1;

já no português angolano, há mais microconstruções com *crer* no subesquema 2 e com *achar* no subesquema 1.

Na dimensão formal, os resultados quantitativos evidenciaram que: (i) quanto à explicitude/implicitude do pronome *eu*, nas duas variedades, o subesquema 1 tende a se instanciar mais com microconstruções com o *eu* explícito e o subesquema 2, com microconstruções com o *eu* implícito; (ii) quanto à posição sintática, no português angolano e moçambicano, na posição final, só há uso do subesquema 2; em relação à posição intercalada, atestam-se mais ocorrências do subesquema 1 nos dados moçambicanos e subesquema 2 nos construtos angolanos.

Com os resultados supracitados, pudemos comprovar, empiricamente, que a análise quantitativa contribui, de fato, para refinar/complementar a análise qualitativa dos dados, tal como defendido por alguns representantes dos Modelos Baseados nos Usos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; LACERDA, 2016, entre outros). Mais especificamente, neste trabalho, a abordagem quantitativa nos permitiu indicar, no português angolano e moçambicano, as tendências (ora mais gerais, ora mais específicas) de uso dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos no que diz respeito a algumas das suas propriedades funcionais e formais e níveis construcionais descritos na análise qualitativa dos dados.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Luciana Beatriz; CÁRIA, Giulliana Mendes. Verbos epistêmicos na fala espontânea: um estudo corpus-based do português europeu. **Revista Letras Raras**. v. 6, n. 7, p. 171-134, 2017.

BATORÉO, H. J. Gramaticalização na língua portuguesa: uma abordagem contrastiva dos estudos desenvolvidos em português europeu (PE) e em português do Brasil (PB). **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Lisboa, Edições Colibri/CLUNL, n. 5, p. 95-107, jul. 2010. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n5_fulltexts/5e%20hanna%20batoreo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

BRINTON, L. J., **The comment clause in English**: syntactic origins and pragmatic developments (Studies in English Language). Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, C. S. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 17-41, 2017.

CARVALHO, C. S.; BRAGA, M. L. Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: uma visão construcional. In: CARVALHO, C. S.; LOPES, N.; RODRIGUES, A. (orgs.) **Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces**. Salvador. EDUNEB, 2020. p. 169-199.

CARVALHO, C. S.; CARNEIRO, A. R. C.; MAGALHAES, W. S. Construções parentéticas epistêmicas no português angolano e moçambicano: convergências e divergências. **Estudos de língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 105-123, jan-abr. 2020. ISSN:1982-0534 Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6100>. Acesso em: 01 mai. 2021.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Unicamp, v.2. 3.ed 1996, p. 213-260.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-61.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em: 23 out. 2019.

FORTILLI, S. C. Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito. **Revista Philologus**, Anais do VII SINEFIL. Rio de Janeiro, ano 21, nº 61 supl., p 1067-1077, 2015.

FORTILLI, S. C.; GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização da construção ‘claro que’: padrões na fala e na escrita. **Revista do GEL**, São Paulo, v.1, n.10: 80-103, 2013.

FREITAG, R. M. K. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://150.162.90.250/teses/PLLG0275.pdf>>

FREITAG, R. M. K. “Mudar para variar”, “variar para mudar” – tratando da variação e mudança de acho (que) e parece (que) parentéticos epistêmicos na fala de Florianópolis. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 81-113, jul. 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. A. BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista**

Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ed. esp., v. 12, p. 55-67, dez. 2016.

GALVÃO, V. C. C. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**. A constructional grammar approach to argument structure. London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GONÇALVES, S. C. L. Construções parentéticas epistêmicas em perspectiva construcional. **Gragoatá**, Niterói, n, 38, p. 163-182, 1. sem. 2015.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 15, n. esp, p. 79-101, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411/6765>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HOFFNAGEL, J. C. A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do “eu acho (que)”. **Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. 6, n.2, p. 817-829, 1997.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. v. 12, p. 83-101, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

SILVA, S. U.; BROXADO, I.; DAMIANOVIC, M. C. O emprego de “de repente” como modalizador quase-asseverativo em uma reunião pedagógica. **RE-UNIR**, Universidade Federal de Rondônia, v. 4, n° 1, p. 68-86, 2017.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**. Itabaiana/SE, Ano VIII, ed. esp. ABRALIN/SE, v.17, p. 27-48, jan./jun. 2013.

THOMPSON, S. A.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 313-329.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SCHNEIDER, S. **Reduced parenthetical clauses as mitigators: a corpus study of spoken French, Italian and Spanish**. v. 27. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

YOON, J. The Grammaticalization of the Spanish Complement-taking Verb without a Complementizer. **Journal of Social Sciences**, 11.3: 338-351, 2015.

Recebido em 7 de maio de 2021

Aceito em 12 de agosto de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Cristina dos Santos Carvalho é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando na graduação e pós-graduação. É docente permanente do Programa de Estudo de Linguagens (PPGEL) da (UNEB). Coordena o projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo, sentenças complexas, gramaticalização e abordagem construcional da gramática.
E-mail: crystycarvalho@yahoo.com.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

Antonio Ralf da Cunha Carneiro é graduando em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*), em

Conceição do Coité - Bahia. É bolsista de Iniciação Científica (IC), desde 2018, no projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*, no qual examina dados do português moçambicano contemporâneo. Atualmente, tem bolsa de IC pelo CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo e abordagem construcional da gramática.

E-mail: ralfcarneiro.1@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5499-9417>

Wesley da Silva Magalhães é graduando em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*), em Conceição do Coité - Bahia. É bolsista de Iniciação Científica (IC), desde 2018, no projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*, no qual examina dados do português angolano contemporâneo. Atualmente, tem bolsa de IC pelo CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo e abordagem construcional da gramática.

E-mail: magalhaeswesley23@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0480-6629>